

TEXTO/DISCURSO NO/PELO CORPO COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA, DE PROTESTO E DE REIVINDICAÇÃO

Maria Cleci Venturini¹

SITUANDO AS DISCUSSÕES: O CORPO COMO OBJETO DISCURSIVO

A rua, parte do corpo da cidade, tem sido mais do que um espaço ou lugar, tendo se constituído historicamente como palco de acontecimentos, que envolvem encontros e desencontros, afirmação de identificações, manifestações, protestos, reivindicação e resistência. Nesse espaço, travam-se lutas ideológicas e disputas por lugares e por posições. Trata-se de um funcionamento da atualidade ou de acontecimento que rompeu com as redes de memória, instauradas a partir de 2013, quando esses movimentos passaram a ser designados de “marchas urbanas”, configurando, de acordo com Horta Nunes (2013, p. 65), “novas práticas políticas no espaço citadino”, convocadas e disseminadas pelas redes sociais.

A mídia tem destacado os movimentos de rua, dando visibilidade às manifestações que abalaram o Brasil. O que se repete nas marchas destacadas pela mídia são reivindicações e resistências, normalmente relacionadas a governos totalitários e a problemas sociais e econômicos. Chama a atenção o destaque dado às datas e à motivação de cada acontecimento. Em 1953, a chamada 'marcha dos 300 mil', conhecida como passeata das panelas vazias, centrou-se em sujeitos-cidadãos que reivindicavam o aumento do salário mínimo e desfilavam pelas ruas com panelas vazias, que representavam discursivamente o baixo poder aquisitivo da população brasileira. Já, em 1964, a marcha da família com Deus pela liberdade entrelaçou o político, a família e o religioso. Nessa marcha, os comunistas se constituíram como o grande inimigo das famílias, sendo significados como ateus, sujeitos sem Deus, razão pela qual ameaçavam a ordem, a moralidade e, também, a família, a liberdade e a democracia. De acordo com historiadores, essa marcha

¹ Doutor em Letras, UNICENTRO. Bolsista Produtividade Fundação Araucária/PR.

sustentou o Golpe Militar, pois por essas/nessas memórias ressoam a ordem, a disciplina, o silenciamento, talvez conveniente para que a família brasileira continuasse a reproduzir ideologias, evitando transformações e mudanças.

O golpe sustentado nesses/por esses discursos e memórias instaurou os anos de chumbo. E como resistência a eles, emergiram movimentos sociais pautados na contraidentificação e, muitas vezes, na desidentificação dos sujeitos à formação discursiva que se insurgiu contra o militarismo. Destacam-se, dentre os movimentos, as greves no ABC paulista e a resistência ao governo militar, a partir de 1978. As reivindicações referiam-se a aumentos salariais, a melhores condições de trabalho, defendendo, também, eleições diretas em todos os níveis. A partir de 1983, o alvo passou a ser a exigência de eleições diretas e a marcha pelas 'Diretas Já', que funciona como ressonância dos movimentos de 1964 e 1978, representando discursivamente a resistência ao governo militar e à falta de liberdade.

O movimento de rua de 1992, dos 'caras pintadas', rompeu com a repetição, pois não se tratava mais de reivindicar liberdade democrática e direito ao voto. Fernando Collor de Mello foi eleito pelo voto popular, o seu governo, entretanto, estava envolto pela corrupção. O movimento que se insurge em torno desse governo instaura a resistência e, pelo discurso, reivindica a moralidade e a defesa do Brasil, não mais por meio da família e da religião, mas pela defesa da pátria, materializada pela bandeira e por suas cores.

Em 2013, as chamadas 'jornadas de junho', instauraram a resistência ao aumento das tarifas urbanas e pediram 'tratamento Fifa' para a saúde, para a educação e para a segurança. De acordo com os que organizam os encontros, tratam-se de rejeição à política partidária e da defesa dos direitos dos cidadãos. Há, em tese, a determinação prévia do que pode ou não ocorrer nesses encontros e, também, de quem pode ou não participar deles. No entanto, Pêcheux (1997) destaca que a língua é o lugar material em que os sentidos falham. Assim, a determinação produz o equívoco e a possibilidade de sentidos outros.

A determinação que instaura contraditoriamente a indetermina funciona, em 2014, quando a ausência do partidarismo político fica de lado e o 'vem pra rua' desloca-se e convoca o 'vem pra urna', instaurando redes metafóricas em torno

desses enunciados, inscrevendo-os em um mesmo domínio de memória. Por esses enunciados atravessam-se discursos em torno de lutas sociais e, também, de mudanças políticas, que rompem com o neoliberalismo, talvez o mesmo que perpassou os governos de Collor e de Fernando Henrique. Os militantes talvez funcionem da mesma forma que aqueles que foram designados de comunistas, em 1968, porque ‘ameaçavam’ a família cristã brasileira. De outro lado, ressoam discursos que objetivam romper a cadeia instaurada pela chamada Era Lula, com o objetivo de evitar que o PT permaneça no poder por doze anos. Os sujeitos militantes são os de direita e por eles/neles retornam discursos em torno da família, da moralidade e do medo da esquerda, assim como ocorreu em 1968.

No movimento de rua de 2015, as panelas voltam a ser o centro das reivindicações. Não se trata mais de panelas vazias. O movimento, conhecido como ‘panelaço’, agrega sujeitos-cidadãos que se ancoram nos enunciados “Fora PT” e “Fora Dilma” e fazem funcionar o contraditório por duas razões: defendem políticas sociais de justiça, de um lado e, de outro, lutam para manter a hegemonia de uma classe dominante. O panelaço contra Dilma e contra o PT fez trabalhar, também, discursos em que ressoa a corrupção, retornando a Era Collor, que instaura redes parafrásticas em torno da moralização e da crise econômica, sustentadas e legitimadas por escândalos como os da 'lava-jato', que envolvem propina e lavagem de dinheiro público. Os discursos contra a crise econômica gerada pelo que Verissimo (2015) chama de política neoliberal, contraditoriamente, não agradaram nem a direita e muito menos a esquerda e sinalizam, segundo esse autor, para a dificuldade futura daqueles que quiserem analisar e interpretar a atualidade política de 2015. A sustentação desses discursos vem da corrupção e dos escândalos políticos imputados ao Partido dos Trabalhadores, instaurando evidências de verdade e de objetividade, que encaminham para a homogeneidade de sentidos.

As materialidades analisadas, em nosso recorte, circularam em capas de revistas, e recortam o corpo como espaço de resistência, de protesto e de reivindicação, de materialidade significativa (ORLANDI, 2012). A questão que buscamos responder, a partir da teoria materialista do discurso, é: como no/pelo corpo-texto instauram-se efeitos de pertencimento ou denegação? Para responder à questão proposta, realizamos o gesto analítico em torno do corpo-memória, no

discurso que vem das ruas, em 2013. Seleccionamos três textos-imagem: duas capas da *Revista Época* (que circularam, respectivamente, em 17 de junho de 2013 e em 11 de novembro) e uma capa da *Revista IstoÉ*, publicada em 02 de dezembro de 2013. Nas três materialidades, os sujeitos identificam-se, contra-identificam-se ou rompem com uma determinada FD, pelo corpo, mais precisamente pelo que ressoa por meio dele/ele e constitui a escrita desses movimentos.

O nosso olhar sobre o objeto discursivo selecionado advém da Análise de Discurso, tal como foi concebida por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Eni Orlandi e por pesquisadores que, assim como ela, trabalham com a teoria materialista, elegendo como objeto o discurso. A teoria convoca e funciona a partir de sujeitos duplamente determinados pela ideologia e pelo inconsciente e busca não os conteúdos que estruturam esses discursos, mas o modo como eles constituem determinados efeitos de sentidos e não outros. Em razão da nossa filiação a esse campo disciplinar e, conseqüentemente, aos pressupostos teóricos que determinam a metodologia a ser empreendida nas análises, recortamos o corpo enquanto objeto discursivo. O *corpus* constitui-se de materialidades inscritas em movimentos populares urbanos, mais especificamente nas manifestações de rua, em 2013, nas quais o corpo se constitui como lugar e como espaço discursivo pelo seu funcionamento como texto em discursos de resistência, de protesto e de reivindicação.

A escolha do corpo, como objeto de análise, sinaliza para a fragilidade das fronteiras entre o linguístico e o imagético e para as transformações teóricas no arcabouço teórico da Análise de Discurso. A teoria que iniciou na década de sessenta, do século XX, elegeu a escrita e a fala no discurso político, deixando de lado o não verbal. Segundo Ferreira (2013, p. 128),

o corpo. Objeto discursivo que se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva. O corpo da visibilidade e da invisibilidade, corpo que se deixa olhar e que se coloca na posição de quem olha. Corpo como uma estrutura e que se tem acesso pelas falhas.

Nas manifestações de rua, os sujeitos deram visibilidade à sua filiação ideológica e à sua posição-sujeito por meio do corpo. Fizeram isso por meio do olhar, pelo desenho, pela escrita estampada nos seus rostos ou pela forma como o

esconderam, possibilitando identificá-los/inscrevê-los na formação discursiva designada de 'manifestantes' ou na dos 'Black blocs'. Desse modo, o olhar constitui o corpo como materialidade significativa atravessada por memórias e por discursos, conjugando e fazendo trabalhar em um mesmo espaço discursivo, o verbal e o não verbal. Destacamos, diante disso, que o corpo convoca espaços de memória e o seu atravessamento pelo simbólico faz com que funcione como linguagem, instaurando processos de identificação, de contraidentificação e de desidentificação. Dos sujeitos inscritos como manifestantes ou como *Black blocs*, especificamente, no que diz respeito à sua relação com o corpo, como linguagem, interessa, fundamentalmente, o corpo-memória que se estrutura por falhas e por faltas. Interessa, ainda, a interpelação ideológica, buscando o seu real, no trabalho discursivo, tal como trabalhado por Ferreira (2013, p. 131). A mesma autora reflete em torno do corpo como lugar de observação do sujeito, como objeto e como ferramenta. Em nossa reflexão, o significamos como objeto e como ferramenta, como escrita, a partir da qual os sujeitos se significam, resistem, reivindicam e protestam, inscrevendo-se em determinadas formações discursivas.

Vale destacar, também, que o corpo, de acordo com Courtine (2009), é interpretado/escrito por meio de práticas discursivas, que apagam a separação entre o espírito e o corpo. Essas práticas ocorreram no século XX, designado como a 'Era do Corpo'. Nesse funcionamento, o corpo foi pensado/analizado pelo viés psicanalítico, antropológico, linguístico e das ciências sociais. Interessa-nos, em função do nosso objetivo, o viés psicanalítico, que se ancora no enunciado "o inconsciente fala através do corpo", que desencadeou a somatização da imagem do corpo na formação do sujeito, pela relação do corpo e do inconsciente. De acordo com Courtine (2009, p. 8), ligando o sujeito inscrito em formações sociais da cultura e do inconsciente. Assim, pelo viés discursivo, se entrelaçam o corpo e a memória pela escrita e pelo desenho do corpo, sinalizando para a tomada de posição e para a inscrição do sujeito em formações discursivas, que dão visibilidade às filiações dos sujeitos e sinalizam para as redes de memórias que essas filiações convocam e fazem trabalhar. Nas análises e na interpretação que empreendemos, os sujeitos filiam-se ao Brasil, como país/corpo e à resistência que dissocia o Brasil dos sujeitos e esses, porque resistem às instituições e à ordem vigente, não são manifestantes,

mas aqueles que protestam. Os dois funcionamentos materializam-se pelo corpo, enquanto escrita, que se materializa como discurso, como resistência e como aceitação/negação.

O PROTESTO, A REIVINDICAÇÃO E A RESISTÊNCIA: O CORPO COMO SIGNIFICANTE/SIGNIFICANDO

Nosso olhar em torno do corpo, a partir do qual se inscreve/é escrita a manifestação, o protesto e a resistência acontece a partir de materialidades que circularam socialmente e instauraram efeitos de sentidos em torno das marchas urbanas, pelas quais o corpo dos sujeitos, o corpo da cidade e o corpo institucional formam, ilusoriamente, o UM. Segundo Orlandi (2011), a rejeição ao *um* individua o sujeito e apaga a homogeneidade da mundialização, inscrevendo o sujeito em grupos, que os significa como distintos do 'todos', homogeneizados.



Texto-imagem 1

http://epoca.globo.com/infograficos/783_todas_capas/index.html.

O texto-imagem 01 escreve/inscreve o sujeito da formação discursiva daqueles que se situam na zona nebulosa dos que precisam ser 'descobertos', 'descritos'. O corpo-memória significa esse sujeito como o que resiste e a resistência está estampada nos punhos cerrados, na máscara do seu rosto, no espaço ocupado, na capa da revista. Finalmente, significa-o nos sujeitos que estão atrás dele, sinalizando que ele é o maior, em tamanho, em resistência e no apagamento do seu rosto escondido pela máscara. A mídia, aqui representada pela capa da *Isto É*, legitima-se como autorizada a dizer quem são eles, como atuam e onde querem chegar. Além disso, sentencia que eles paralisaram as principais cidades brasileiras. O corpo-memória significa pela posição dos braços, pela cor da roupa, pela posição do corpo e inscreve esse sujeito no lugar de super-herói. Com isso, instaura efeitos de sentidos em torno da promoção da justiça, da luta pelos desfavorecidos ou faz funcionar o mistério, perguntando pela sua prática, que o inscreve no espaço nebuloso que se situa entre o herói e o marginal, entre o idealista e o calculista. Esse efeito ressoa na/pela pergunta: onde querem chegar?



Texto-imagem 2

Disponível no site: <https://www.iba.com.br/revista-digital/ISTO%C3%89-Dezembro-2013-2298-0305f4acda3f85d0fdb75995dd8a6712>. Acesso em 15 de maio, de 2015.

O texto-imagem 02 rompe com a previsibilidade e, se o colocarmos em relação com o primeiro texto, um efeito de sentido que se torna bastante forte é o de que essa segunda materialidade se contrapõe à primeira, pois designa/inscreve os sujeitos na FD dos mascarados, daqueles que não apenas se manifestam, mas protestam, o que, segundo eles, é diferente. A manifestação inscreve-se na ordem do 'politicamente correto', do que não rompe com a previsibilidade e o protestar é mais violento, menos previsível e mais obscuro.

Nessa materialidade, ocorrem vários rompimentos. O primeiro é que se trata de um sujeito-feminino, o qual ocupa um espaço bem menos visível na formação social. O sujeito tira a máscara, mostra o rosto, deixa-se clivar pelo olhar do outro e sinaliza para o que será/foi dito no/pelo veículo de comunicação. Sem máscara, não recorta apenas o ato de tirar uma máscara, de mostrar-se. É mais do que isso: pode indicar o colocar-se diante do olhar e do julgamento do outro. Tornar-se visível não só pelo corpo, mas também pelo que é dito. Outro efeito de sentido possível é de que o sujeito-feminino também se individua e se inscreve na formação discursiva dos que resistem, se apagam, apagam determinados efeitos de sentidos e instauram outros.

Instaurar efeitos de sentidos e a inscrição de sujeitos e acontecimentos em determinados lugares de significação e de memória pela cor e pela posição do corpo permite continuar a dividir o texto-imagem em enunciados, recortando-o pelos espaços de memória que mobiliza e faz trabalhar, conforme Pêcheux (2002). Por esse texto-imagem, é possível relacionar o funcionamento das materialidades e os efeitos de sentidos instaurados, considerando que, apesar de a AD não trabalhar com conteúdos e nem priorizar os sentidos em sua homogeneidade, não há como dizer que o sentido pode ser qualquer um, pois há encaminhamentos e direcionamentos discursivos, dados pelos sujeitos-locutores ou pelas condições de produção, do que se pode sustentar que, apesar de o sentido poder sempre ser outro, ele não abre totalmente para o novo, pois o dizer significa, também, pelo não-dizer, pelo silenciado ou pelo censurado.



Texto-imagem 3

Fonte: disponível no site <https://www.iba.com.br/revista-digital/ISTO%C3%89-Dezembro-2013-2298-0305f4acda3f85d0fdb75995dd8a6712>, acesso em 28 de dezembro de 2013.

O texto-imagem 3 estrutura-se pelo enunciado verbal 'O manifestante', que encaminha desde o início para um sujeito do discurso bem marcado pelo artigo definido. O manifestante não é mascarado, diferentemente dos black blocs. Ele se manifesta 'sem máscaras', 'de forma pacífica', 'de cara limpa', como um sujeito bem definido e, politicamente correto, assume a sua posição-sujeito. O que se tem, pelo menos na ordem das evidências, é que esse sujeito, que tem a bandeira do Brasil desenhada/estampada no rosto, representa, discursivamente, o Brasil e, nessa representação (que é imaginária), inclui os brasileiros, os quais inscrevem-se em um lugar e dele não conseguem/podem escapar.

A escrita das ruas, por meio dessa materialidade, significa pela posição, de quem talvez esteja cantando o hino, ou então esteja se significando pelo Hino Nacional, o que pode estar significando pela boca – parte do grupo – que forma o “o”, talvez de 'ouviram' pelo qual canta a Pátria, a Nação, a identificação,

materializada pelo desenho da bandeira no rosto e pelas palavras de ordem . Trata-se do funcionamento da metáfora em que um objeto retoma/faz com que ressoe o outro, a quem se encaminha o dizer ou que o representa. Aqui *Brasil* e *manifestante* se inscrevem na mesma FD e sinalizam para a permanência de efeitos de sentidos pelos quais se lê/interpreta e se pode escrever que os brasileiros são: pacíficos, conciliadores, honestos e tem orgulho dessa inscrição/condição. Nessa escrita e por meio do texto-imagem destacado, é possível dizer que as regularidades se mantêm, apesar de não se poder sustentar que se trata do *Um*, que mundializa, particulariza, impede que determinados efeitos de sentidos se constituam.

BUSCANDO UM POSSÍVEL O FECHAMENTO

A vocação do sujeito, segundo Orlandi (2004), inscreve-se na homogeneidade, no desejo do *Um*, em detrimento da divergência, do grupo e daqueles que perseguem o desejo de identificar-se, de ser igual ao semelhante a, de escapar da incerteza. Nas três materialidades recortadas, podemos “ver”, “pensar” no corpo como um lugar de memória, pois nele o que se encontram são enunciados-imagem, os quais, como espaços, interdiscursivam e trabalham na interpretação, uma vez que as filiações e as redes de memória que se instauram organizam o dizer e a interpretação. Diante disso, se pode dizer que o corpo-memória funciona organizando os sentidos em torno de uma materialidade que se movimenta, que diz eu e que tem, como os demais também têm, o desejo de ser feliz, de poder significar-se, significando o outro e o discurso.

Finalmente, pode-se dizer que 'o manifestante' é legitimado pela bandeira do Brasil, pelo grito, sinalizado pelos lábios em 'o'. Já o segundo, no modo de postar-se, na máscara que usa, na arma que tem na mão, o sujeito instaura feitos de sentido em torno daquele que nem sempre diz tudo e muito menos o que se espera que seja dito. Apesar de ser a primeira materialidade, falamos dela depois da terceira, tendo em vista que o segundo texto-imagem faz retornar o primeiro, porque também recobre o mascarado e nessa materialidade o inscreve na FD dos black-blocks em torno dos quais instaurou-se um imaginário que não os favorece: por eles

retornarem os guerrilheiros e, talvez a presidente Dilma, tentando, ainda uma vez, deconstruir o imaginário em torna dela.

Concluimos, então, respondendo à nossa pergunta de pesquisa, buscando atar os fios, apesar deles ainda estarem soltos, esperando por uma ação que os faça construir/instaurar redes de memória que instaurem efeitos de verdade, de confiança ou o contrário. Nossa questão foi: como no/pelo corpo-texto instauram-se efeitos de pertencimento ou denegação? E a nossa resposta é: o corpo como texto instaura efeito de pertencimento ou sinaliza para a denegação pela sua escrita, ou seja, pelo que ele diz a partir dos enunciados-imagem que o estruturam/organizam. Desse modo, a bandeira, as cores do Brasil e o hino nacional sendo entoado encaminham para efeitos de pertencimento, significados por 'sou brasileiro', 'a bandeira nacional é um símbolo'. As outras materialidades ficam nebulosas e podem encaminhar para a denegação, significando: não aceito esse Brasil, luto contra esse regime e, por isso, não me mostro, porque esse é um direito, mesmo assim, inscreve-me e me significado, significando o Brasil. Então, os efeitos de pertencimento ocorrem por metáfora e a denegação por aquilo que aceito/não posso/não quero referendar.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J.J. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina. Discurso, arte, sujeito e a tessitura da linguagem. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange. *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

NUNES, José Horta. Marchas urbanas: das redes sociais ao acontecimento. In: PETRI, Verli, DIAS, Cristiane. Santa Maria/RS: editora UFSM, 2013. *Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*.

ORLANDI, Eni, Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências sujeito/história e indivíduo/sociedade. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina (orgs). *Memória e história na/da Análise de Discurso*. Campinas/SP. Mercado das Letras, 2011, p. 37-64.

_____. Processos de significação, corpo e sujeito. IN: ORLANDI Eni. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas/SP: Pontes Editora, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso* : uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et al]. 3 ed. Campinas/SP : Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *O Discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi, Campinas/SP : Pontes Editora, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramallete [et all]. Rio de janeiro : Ed 34, 1995.